



CAPÍTULO 8

DO PÃO À CARNE, DO VINHO AO SANGUE: O RITUAL DA TRANSUBSTANCIAÇÃO À LUZ DAS PRÁTICAS SEMIÓTICAS

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0272511098>

Antonio Vianez da Costa

Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa (Unesp)
Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
<https://lattes.cnpq.br/0088540091232020>

RESUMO: À luz dos pressupostos teóricos das Práticas Semióticas, esta pesquisa intenciona investigar, no texto *Oração Eucarística V*, as cenas que constituem o ritual da transubstanciação, encaminhadas pelo sacerdote e ratificadas pela assembleia. Outrossim, integra a análise, no Folheto Litúrgico *Nova Aliança*, o exame do texto-enunciado, o qual contempla a estrutura e a funcionalidade responsáveis pela prática coerente do ritual. Com isso, pretende-se identificar, nas cenas predicativas, elementos de fidelização, conforme a sequenciação ritualística, considerando-se a interação entre enunciador (sacerdote) e enunciatário (assembleia).

PALAVRAS-CHAVE: práticas semióticas; ritual; enunciador; enunciatário.

FROM BREAD TO BODY, FROM WINE TO BLOOD: THE RITUAL OF TRANSUBSTANTIATION THROUGH THE LENS OF SEMIOTIC PRACTICES

ABSTRACT: In light of the theoretical assumptions of Semiotic Practices, this research aims to investigate, in the text of Eucharistic Prayer V, the scenes that constitute the rite of transubstantiation, as conducted by the priest and ratified by the assembly. Furthermore, the analysis includes the examination of the utterance-text in the *Nova Aliança* Liturgical Leaflet, which encompasses the structure and functionality responsible for the coherent enactment of the rite. The study thus seeks to identify, within the predicative scenes, elements of fidelization according to the ritual sequencing, taking into account the interaction between the enunciator (priest) and the enunciatee (assembly).

KEYWORDS: semiotic practices; ritual; enunciator; enunciatee.

INTRODUÇÃO

Com base nos pressupostos teóricos das Práticas Semióticas, esta pesquisa objetiva investigar, no texto *Oração Eucarística V*, também conhecida como *Anáfora*, as cenas que estruturam, gradativamente, o ritual da transubstanciação, conduzidas pelo sacerdote e confirmadas pelas testemunhas (assembleia). Além disso, intenciona-se examinar, no objeto (Folheto Litúrgico *Nova Aliança*) cujo texto-enunciado encontra-se inscrito, a estrutura e a funcionalidade responsáveis pela prática coerente do ritual. Por fim, busca-se identificar, nas cenas predicativas, elementos de fidelização, de acordo com a progressão do ritual, a partir da interação entre enunciador (sacerdote) e enunciatário (assembleia).

Em relação ao texto-enunciado, pode-se dizer que compreende a integração de unidades mínimas em uma completude e, segundo Fontanille, “dá-se a conhecer por inteiro sob a forma material de dados textuais verbais e não verbais” (2005, p. 17); dos objetos – são vistos por Fontanille (2005, p. 19) como “estruturas materiais, dotadas de uma morfologia, de uma funcionalidade e de uma forma exterior identificável, cujo conjunto é destinado a um uso ou a uma prática mais ou menos especializada”; a cena predicativa “estabiliza o sentido da significação valendo-se de uma narrativização da situação semiótica” (PORTELA, 2008, p. 106). Conforme Barros (2011, p. 16), “para entender a organização narrativa de um texto, é preciso (...) descrever o espetáculo, determinar seus participantes e o papel que representam”.

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Indiscutivelmente, as ações humanas são transpostas pelos discursos que lhes atribuem sentido. Assim, os projetos de atividade planejados pelas pessoas constituem-se como ferramentas eficazes do fazer humano. Porém, na análise das práticas, é preciso considerar que as ações podem ocorrer tanto no nível social, quando entram em jogo realizações culturalmente significativas, quanto na esfera individual, quando o interesse gira em torno de uma motivação pessoal. Assim, o planejamento prático pode ser resultante de uma reflexão consciente advinda do sujeito, mas, com frequência, não se atrela a uma reflexão pensada com antecedência. Para Fontanille (2008, p. 130), “[...] toda prática possui uma parcela de interpretação e toda interpretação é, essencialmente, uma prática e a partir disso podemos concluir que toda prática comporta, ao menos em potência, uma dimensão estratégica”, o que pode ser constatado no ritual da transubstanciação.

Com frequência, nas cerimônias, ouvem-se os termos rito e ritual. Para Santos (2019, p. 2), há diferença entre esses dois termos. Nas palavras do autor, “o rito é a categoria mais ampla, como rito de passagem ou de cura, enquanto o ritual é o conjunto de gestos e ações que compõem os ritos”. Na concepção de Marques

(2019), os rituais buscam o contato com o Sagrado, com uma simbologia poderosa, pois evoca sentimentos e vibrações ligados à significação dos termos, gestos e expressões de reverência ao Divino e, nesse sentido, tal princípio é aplicável para o ritual eucarístico, uma roda de Candomblé, uma dança indígena ou uma convocação rosacruz. Então, o termo ritual está voltado à prática, por meio de ações, palavras, símbolos e gestos cuja finalidade é a de atingir certo resultado e, nesse sentido, pareceu-nos mais adequado utilizá-lo nesta pesquisa.

Acerca da transubstanciação, Denzinger (2007, p. 284), invocando o IV Concílio de Latrão, em 1215, assevera que “corpo e sangue são contidos verdadeiramente no sacramento do altar, sob as espécies do pão e do vinho, pois que, pelo poder divino, o pão é transubstanciado no corpo e o vinho no sangue”. O autor acrescenta que esse sacramento só pode ser celebrado pelo sacerdote que tenha sido regularmente ordenado.

Entretanto, antes de proceder-se à análise do texto *Oração Eucarística V ou Anáfora*, considerou-se conveniente apresentar, de forma sintética, a definição desse tipo de oração e o contexto em que ela foi introduzida na Igreja Católica Apostólica Romana.

De acordo com o Missal Romano (2002, p. 9), a “Missa ou Ceia do Senhor consta de duas partes: a liturgia da palavra e a liturgia eucarística. Estas duas partes, porém, estão entre si tão estreitamente ligadas que constituem um único ato de culto”. Ainda, segundo o Missal Romano (2002, p. 9), “entre as partes da Missa que pertencem ao sacerdote, está em primeiro lugar a Oração eucarística, ponto culminante de toda a celebração”. Convém acrescentar que essa oração também é conhecida como anáfora, cânon, regra da oração, prece eucarística, termos esses que serão utilizados, indiscriminadamente, nesta pesquisa.

Ao se referir à Missa, Blanco (2008) afirma tratar-se de um rito de recordação e renovação sacrificial de Jesus na Cruz e que tem início na Última Ceia, que foi celebrada com seus apóstolos antes de seu Sofrimento e Morte. Conforme os editores da Bíblia Latinoamericana, os primeiros indícios referentes à “Ceia do Senhor” podem ser constatados em I Coríntios 11, 23-25, escrita no ano 55, anterior à escrita dos Evangelhos, como se observa:

Com efeito, eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti: na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim.” Do mesmo modo, após a ceia, também tomou o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova Aliança em meu sangue; todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim” (Bíblia [...], 2015, I Cor. 11, 23-25, p. 2007).

De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (2005), desde o século II, a celebração eucarística pode ser testemunhada por São Justino, pois as formas ritualísticas permaneceram semelhantes até a atualidade. Segue um fragmento escrito por volta do ano 155, o qual esclarece ao imperador pagão Antonino Pio a atitude dos cristãos a esse respeito:

No dia que chamam Dia do Sol, realiza-se a reunião num mesmo lugar de todos os que habitam a cidade ou o campo. Lêem-se as memórias dos Apóstolos e os escritos dos Profetas. Quando o leitor acabou, aquele que preside toma a palavra para incitar e exortar à imitação dessas belas coisas. Em seguida, levantamo-nos todos juntamente e fazemos orações por nós mesmos [...] e por todos os outros, [...] para que sejamos encontrados justos por nossa vida e acções, e fiéis aos mandamentos, e assim obtenhamos a salvação eterna. Depois, apresenta-se àquele que preside aos irmãos pão e uma taça de água e vinho misturados. Ele toma-os e faz subir louvor e glória ao Pai do universo, pelo nome do Filho e do Espírito Santo, e dá graças (em grego: eucharistian) longamente, por termos sido julgados dignos destes dons. Quando ele termina as orações e acções de graças, todo o povo presente aclama: *Amén* (p. 410).

A partir daí, passa-se a ter uma “fórmula” utilizada por muito tempo pelo Cânon Romano. Entretanto, diante dos desafios da Igreja no mundo – sejam eles culturais, sociais, ideológicos – foi vista a necessidade de adequar essa “fórmula”, ou seja, de aproximar mais a culminância da missa, que é a eucaristia ou anáfora, à assembleia ali reunida. Nesse sentido, Hopping (2015) afirma que a pluralidade das Orações Eucarísticas representa um fenômeno inovador na história do Rito Romano, em que se pode verificar uma proximidade com a prática litúrgica das Igrejas Ortodoxas.

Além disso, todas as Orações Eucarísticas, com exceção da I, foram criadas a partir da reforma do Concílio Vaticano II e que, com a formulação da II anáfora, que apresenta uma estrutura simples, certamente aproximando-se da bênção que Cristo utilizou na última ceia, outras como as Orações III e IV foram criadas, mantendo suas características próprias, constituindo, assim, um conjunto de novas Orações, que passaram a vigor a partir de 1968, segundo as palavras de Mesquita (2012).

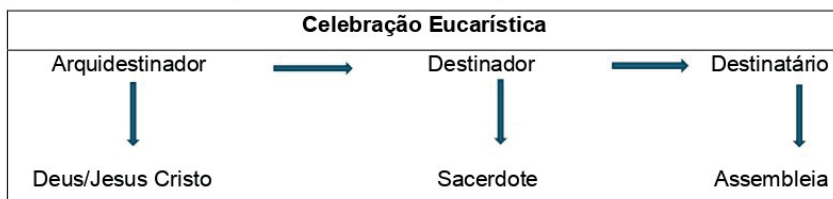
A Prece Eucarística V, utilizada como *corpus* desta pesquisa, teve sua origem no Brasil, com uso exclusivo nesse país, pois sua constiuição deu-se em função do IX Congresso Eucarístico de Manaus, realizado em 1975. Conforme Taborda, Marques e Nascimento (2006), há três iniciativas da Igreja do Brasil, ocorridas entre 1974-1975, que contribuíram, significativamente, com o nascimento da Anáfora Eucarística acima mencionada: a) o IX Congresso Eucarístico Nacional – IX CEN; b) o Ano Eucarístico, convocado pela CNBB, para preparar o Congresso, considerando a carência do local da realização desse Congresso – a região amazônica; e c) a Campanha da Fraternidade. Nesse momento e com essa confluência de eventos, a Igreja apresenta uma maior abertura desde o Vaticano II, pois além do acolhimento de novas ideias, intensifica-se o diálogo com o chamado “mundo moderno”. Esse diálogo busca, entre outros aspectos, a partilha do pão da fé e da caridade com as populações prejudicadas pelas atuações de uma modernização acelerada e excludente.

ANÁLISE DO CORPUS

Neste *corpus*, constituído pela Anáfora Eucarística V, serão analisados os seguintes elementos: a) Folheto Litúrgico *Nova Aliança*; b) Prefácio; c) Epiclese sobre os dons; d) Narrativa da última Ceia; e) Anaminese; f) Epiclese sobre a comunidade/Intercessões; e o Gestual, que perpassa por toda a Anáfora.

O ritual eucarístico, com essa estrutura textual-enunciativa, segue um exemplo canônico de eficiência sintagmática, a qual, para Fontanille (2008, p. 48), “é a organização sintagmática, aspectual e rítmica da sequência práxica”. Portanto, Silva (2013) nos diz que a eficiência do ritual eucarístico resulta da estreita aplicação de um esquema e de um percurso gerativo fixo, como será apresentado no modelo actancial a seguir:

Quadro 1. Esquema do ritual da Celebração Eucarística



Fonte: Silva (2013) Adaptado

Conforme Silva (2013), o arquidestinator (Deus) é a fonte essencial e a autoridade mais elevada do discurso e da ação litúrgica. Nesse sentido, tudo na celebração eucarística parte de Deus e a Ele retorna, como o próprio autor e o objetivo final. O destinador (Sacerdote) é o mediador que recebe a mensagem do arquidestinator (Deus) e é responsável por transmiti-la com fidedignidade à assembleia, pois é o Sacerdote que fala e age “em nome de Cristo”, assumindo o papel de destinador em relação aos fiéis. Contudo, cabe ao destinatário (assembleia/fiéis) receber a Palavra e a Eucaristia, por meio da participação ativa da celebração, uma vez que são os receptores finais da ação litúrgica e do discurso, porém também são partícipes do diálogo com o arquidestinator (Deus).

Notadamente, essa estrutura dialógica põe em evidência o fluxo da comunicação da graça na celebração, em que a ação tem início com o arquidestinator (Deus), é conduzida pelo destinador (Sacerdote) e chega ao destinatário (Assembleia), que oferece louvor e suplica à fonte primordial (Deus), em movimentos desacelerados, pois para Blanco (2008, p. 53), “o tempo se converte em vivência sensível, graças a essa desaceleração dos movimentos”. Tem-se, nessa prática cerimonial, um ritmo que espelha o próprio sujeito envolto no mistério da fé.

Entre os elementos apresentados, para a análise, começar-se-á com o a) Folheto Litúrgico *Nova Aliança*, o qual, como objeto-suporte, tem papel essencial na distribuição das cenas típicas da realização do ritual eucarístico. Por meio desse instrumento, tem início a prática de fidelização religiosa, uma vez que tal gênero textual é parte do universo de circulação do discurso religioso e se manifesta como elemento integrante que se mantém sempre presente.

Quanto ao aspecto diagramático do Folheto Litúrgico *Nova Aliança*, é possível verificar uma preocupação voltada à simplicidade, considerando o didadatismo que prioriza a objetividade e a clareza como proposta do conteúdo. Quanto à expressão, verifica-se o título-síntese na parte superior do Folheto, com letras maiores, cromatismo azul sob o fundo branco. Esse cromatismo encontra-se presente em toda a estrutura do folheto, harmonizando as partes com o todo por meio das cores azul e branco. A temporalidade e a espacialidade são, enunciativamente, apresentadas por meio do cabeçalho: 15 de novembro de 2015 – Diocese de São José dos Campos – SP. A referência à Diocese de São José dos Campos – SP espacializa o enunciado, de maneira a incluir paróquias, áreas missionárias e comunidades menores pertencentes a essa Diocese que, nesse sentido, partilham o Folheto *Nova Aliança*.

Após a apresentação do Folheto Litúrgico *Nova Aliança*, dar-se-á continuidade com o b) Prefácio e com os demais elementos constituintes da Anáfora Eucarística V. Será utilizado (S) para Sacerdote e (A) para Assembleia onde esses sujeitos figurarem na Prece Eucarística.

Prefácio

Neste momento, tanto o enunciador (sacerdote) quanto o enunciatário (assembleia), ficam de pé para darem início ao ritual da Oração Eucarística. Ficar de pé representa, entre outras possibilidades, posição para adorar e, assim, enunciador e enunciatário partilham do mesmo gestual de adoração. Ainda, nessa cena introdutória, o enunciador (sacerdote) fica de braços abertos, um gesto orante, comum ao modo hebreu de rezar, que é utilizado tanto na Liturgia Romana quanto na Oriental.

S: O Senhor esteja convosco.

A: Ele está no meio de nós.

S: Corações ao alto.

A: O nosso coração está em Deus.

S: Demos graças ao Senhor, nosso Deus.

A: É nosso dever e nossa salvação.

S: É justo e nos faz todos ser mais santos louvar a vós, ó Pai, no mundo inteiro, de dia e de noite, agradecendo com Cristo, vosso Filho, nosso irmão (...)

Nesse início de Oração Eucarística, temos um enunciador implícito que abre espaço para que a voz do enunciatário aconteça e, dessa forma, seja instaurado o diálogo. É neste momento, a partir do relato da Última Ceia, que é introduzida, no espaço sagrado (Igreja), a “dramatização” ou “encenação” do banquete eucarístico, o qual, segundo Blanco (2008), é constituído por ações, gestos e palavras, como forma de intervenção, para “tornar presente” um acontecimento. Como é possível perceber, há a interação ritualística sacramental em que se verifica a alternância enunciativa de vozes, construída por fórmulas cristalizadas, perpetuando o sentido, independentemente dos sujeitos envolvidos. Outro aspecto a ser considerado são as formas verbais no imperativo, como “esteja” e “demos”, que guardam consigo uma força de “comando”, “direcionamento” e/ou “pedido” no enunciado. Há, na verdade, um contrato fiduciário que tem início na Acolhida e se estende até a Bênção e Despedida. Todavia, embora a Celebração Eucarística possua um programa de funcionamento coeso e coerente, a Prece Eucarística caracteriza-se como o ápice de toda a celebração, pois há, aí, uma memória figurativa: “Fazei isto em minha memória” (Bíblia [...], 2015, Lc. 22,19, p. 1828), o que fortalece a fidelização entre enunciador e enunciatário – memória essa que atualiza a presença de Cristo toda vez que o ritual da transubstanciação acontece.

Epiclese sobre os dons

S: Senhor, vós que sempre quisestes ficar muito perto de nós, vivendo conosco no Cristo, falando conosco por Ele, mandai vosso Espírito Santo a fim de que as nossas ofertas se mudem no Corpo † e no Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo.

A: Mandai vosso Espírito Santo!

De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (2005, §1105), “a epiclese – ‘invocação sobre’ – é a intercessão mediante a qual o sacerdote suplica ao Pai que envie o Espírito santificador, para que as oferendas se tornem o corpo e o sangue de Cristo e para que, recebendo-as, os fiéis se tornem eles próprios uma oferenda viva para Deus”. Nessa cena predcativa, há, conjuntamente, realizada pelo enunciador, a união da palavra com a imposição das mãos sobre o pão e o vinho. Por meio dessa prática, o enunciador invoca o Espírito Santo, pedindo que consagre o pão e o vinho em Corpo e Sangue do Senhor e, por meio desse gesto epiclético, tem início, de forma solene, a transformação do pão e do vinho em “alimento eucaristizado”. E, em uníssono, o enunciatário (assembleia) confirma a súplica com “Mandai vosso Espírito Santo!”

Narrativa da Última Ceia

S: Na noite em que ia ser entregue, ceando com seus apóstolos, Jesus, tendo o pão em suas mãos, olhou para o céu e deu graças, partiu o pão e o entregou a seus discípulos, dizendo:

Tomai, todos e comei: isto é o meu corpo, que será entregue por vós.

S: Do mesmo modo, no fim da Ceia, tomou o cálice em suas mãos, deu graças novamente e o entregou a seus discípulos, dizendo:

Tomai todos e bebei: este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos para remissão dos pecados. fazei isto em memória de mim.

Após a eucaristização do pão e do vinho, tem-se um recorte da narrativa da Última Ceia e, a partir daí, o enunciador assume o papel actancial de intermediador do arquidestinator (Deus/Jesus Cristo), confundindo-se com Ele, pois oferece o próprio corpo e o próprio sangue: “isto é o meu corpo; este é o cálice do meu sangue”, usando, em ambos os casos, a primeira pessoa do singular – “meu”. Essa cena é reforçada pelo gestual da elevação tanto do Corpo (hóstia consagrada), quanto do Sangue (cálice – vinho consagrado). Assim como em toda a Celebração Eucarística, a dimensão da crença é fator essencial para que o sentido da memória e atualização ritualística seja mantida. Segundo Zilberberg (2006, p. 321) “a modalidade de ‘acreditar’ não é uma modalidade como as outras: é aquela que ‘silenciosamente’ mantém cada uma das outras modalidades. Sem essa condição, a possibilidade do evento, dos incríveis, não poderia sequer ser levantada.”

Anamnese

S: Tudo é mistério da fé.

A: Toda vez que se come deste Pão, toda vez que se bebe deste Vinho, se recorda a paixão de Jesus Cristo e se fica esperando sua volta.

Na anamnese (eucarística), tem-se a memória da Paixão, da Ressurreição e da volta gloriosa de Jesus Cristo. Todavia, a adesão do enunciatário a essa “verdade”, narrada em cenas que obedecem a uma cronologia, decorre, exclusivamente, no plano da fé. Embora a tradição do ritual eucarístico tenha-se mantido até a atualidade, cuja dramatização dá-se com o coletivo, é preciso considerar o anseio de cada sujeito, especialmente no que se refere à salvação, pois o contato com o pão e o vinho transubstanciados, na crença de cada partícipe, além dos pontos eufóricos, como amor, perdão, solidariedade, apresenta também o disfórico, como conduzir o enunciatário à perdição: “Por conseguinte, que cada um examine a si mesmo antes de comer desse pão e beber desse cálice, pois aquele que come e bebe sem

discernir o Corpo, come e bebe a própria condenação” (Bíblia [...], I Cor. 11, 28-29, p. 2007). Nesse sentido, mesmo que o ritual da eucaristia seja realizado com todos e para todos – o qual se desenvolve como “mistério da fé” – é exigida uma conduta individual “adequada” para a entrada no reino definitivo.

Epiclese sobre a comunidade/Intercessões

Considerando a extensão deste trabalho, dos seis segmentos epicléticos, serão apresentados apenas três.

S: E quando recebermos Pão e Vinho, o Corpo e o Sangue dele oferecidos, o Espírito nos una num só corpo, para sermos um só povo em seu amor.

A: O Espírito nos una num só corpo.

S: Protegeí vossa igreja que caminha nas estradas do mundo rumo ao céu, cada dia renovando a esperança de chegar junto a vós, na vossa paz.

A: Caminhamos na estrada de Jesus.

S: E a nós, que agora estamos reunidos e somos povo santo e pecador, dai força para construirmos juntos o vosso Reino que também é nosso.

De todos os segmentos da Anáfora, esse é o que mais apresenta, alternadamente, a atuação do enunciador e do enunciatário. Entretanto, ainda que essa atuação cênica configure-se como um todo, mantendo a dramatização coesa e coerente, verificam-se diferenças nas interlocuções em andamento. A presença do “nós” em *recebermos*, *sermos*, *nos una*, *caminhamos*, *estamos*, *construirmos* apresenta um sentido de inclusão (eu + tu + eles/as = nós), ou seja, há proximidade entre enunciador (sacerdote, voz autorizada) e enunciatário (assembleia). Ainda, nesse cenário, é possível perceber que o enunciador (intermediador do Arquidestinator – Jesus) inclui-se no mesmo plano do enunciatário, ao afirmar (nós) *somos povo santo e pecador*, de forma explícita, o que não consta em nenhum outro segmento da Anáfora. Por outro lado, encontramos um distanciamento entre as vozes que constituem o ritual eucarístico (sacerdote/assembleia), sinalizadas pelo pronome vós: *protegei* (vós), *chegar junto a vós* e isso reforça a voz de autoridade na qual o enunciador está revertido, porém a realização do ritual só se torna completa com a intervenção do “nós”, representado pelo enunciatário (assembleia).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para adentrar o universo da *Oração Eucarística V*, numa abordagem das Práticas Semióticas, foi preciso, primeiramente, recorrer, mesmo que, de forma sintética, às Preces que a antecederam, situando, historicamente, a fórmula ritualística que se mantém até a atualidade.

A Prece Eucarística V foi desenvolvida num momento de transformação da Igreja Católica Apostólica Romana. Como o IX Congresso Eucarístico Nacional foi realizado em Manaus (1975), era preciso tomar, como referência a Amazônia, considerando o desafio ali presente: modernização acelerada e excludente. Assim, julgamos pertinente a análise dessa Anáfora.

Ao nos apropriarmos do Folheto Litúrgico Nova Aliança, como objeto, no qual o texto-enunciado encontra-se inscrito, foi possível identificar o papel actancial tanto do enunciador (sacerdote), na condição de intermediador do Arquidestinator – Jesus Cristo, quanto do enunciatário – a assembleia. Nas partes analisadas, além do folheto, ficou evidente que não só as palavras mas também o gestual são partes integrantes do ritual eucarístico, pois o ficar de pé, como posição adorante, braços abertos, como gesto orante, imposição das mãos, como invocação do Espírito Santo entre outros, dinamizam a memória e a atualização da Última Ceia, não como mera repetição, mas como uma prática vivida a cada execução desse ritual.

Ficou evidente que, no desenrolar das cenas, há um ritmo lento, por meio do qual se desenvolve a reflexão, a contemplação, a paz espiritual, o descanso da alma (Blanco, 2008). Essa cadência no plano da expressão representa solenidade no plano do conteúdo.

Nessa “encenação” solene, foram verificados momentos em que enunciador e enunciatário aproximam-se, com o uso do pronome “nós” e momentos em que se distanciam, com enunciados introduzidos por “vós”, caracterizando os papéis actanciais dos sujeitos envolvidos e obedecendo ao contrato fiduciário, pactuado desde o início da celebração eucarística até o final.

Por fim, ao observarmos o objeto, o texto-enunciado e o modo como tudo é apresentado, percebemos que a palavra e os gestos conduzem ao processo de fidelização, de maneira que a prática exercida por meio desses instrumentos (palavras/gestos) emoldura a crença do destinatário e, nessa *práxis enunciativa*, vivenciada a cada atualização da Oração Eucarística, ele (destinatário) vê-se participando do verdadeiro sacrifício, quer por via teológica, quer pelo caminho da fé.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Editora Ática, 2011.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2015.

BLANCO, Desiderio. El rito de la Misa como práctica significante. **Temas del Seminario**, n. 20, Puebla/ México, p. 43-70, 2008.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA: edição típica vaticana. Libreria Editrice Vaticana, 2005.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.** São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007, p. 284.

DIOCESE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP). **Folheto Litúrgico Nova Aliança**, Ano XXII, nº 55, 15 de novembro de 2015.

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do Discurso.** São Paulo: Contexto, 2008, p. 130.

FONTANILLE, Jacques. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. *In*: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELLA, Jean Cristtus (Orgs.). **Semiótica e mídia:** textos, práticas e estratégias. Bauru: UNESP/FAAC, 2008.

FONTANILLE, Jacques. **Significação e visualidade:** exercícios práticos. Porto Alegre: Sulina, 2005.

HOPING, Helmut. A Constituição Sacrosanctum Concilium. *In*: **As constituições do Vaticano II, Ontem e Hoje.** Org. HACKMANN, Geraldo B; AMARAL, Miguel de Salis. Edições CNBB, 2015, p. 133.

MARQUES, Hélio de Moraes e. **Antiga e Mística Ordem Rosacruz – AMORC.** INFORMATIVO ASSINTEC Nº 5, abril, p. 6, 2019.

MESQUITA, Wanderley Rodrigues de. **Os textos eucológicos atualizados pelo Concílio Vaticano II e sua adaptação hoje em grupos e igrejas particulares no Brasil.** 119 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MISSAL ROMANO. Tradução portuguesa para o Brasil da separata da terceira edição típica preparada sob os cuidados da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. Roma, 2002.

PORTELLA, Jean Cristtus. Semiótica midiática e níveis de pertinência. *In*: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELLA, Jean Cristtus (Org.). **Semiótica e mídia:** textos, práticas, estratégias. Bauru, SP: Unesp/FAAC, 2008, 93-113 p.

SANTOS, Elói Corrêa dos. **Ritos e rituais sagrados nas quatro matrizes religiosas do Brasil.** INFORMATIVO DA ASSINTEC Nº 45, abril, p. 2, 2019.

SILVA, Sueli Maria Ramos da. **O Rito da Missa enquanto Prática Sacramental Católica.** SINGUM. Londrina, PR, v. 1, n. 16, p. 171-199, jun. 2013.

TABORDA, Francisco.; MARQUES, Francisco Júnior de Oliveira; NASCIMENTO, Misael Germano do. UMA ANÁFORA BRASILEIRA: A ORAÇÃO EUCARÍSTICA V. **Perspectiva Teológica**, [S. l.], v. 38, n. 104, p. 35, 2006. DOI: 10.20911/21768757v38n104p35/2006. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/313>. Acesso em: 21 fev. 2022.

ZILBERBERG, Claude. **Elements de grammaire tensive**. Limoges: Pulim, 2006.